

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Da amizade

*Sandra Fischer*¹

1 Coordenadora, docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. sandrafischer@uol.com.br.

Resumo

Este texto, no qual registro a essência das falas que apresentei em duas oportunidades em que participei de mesas de homenagem a professor Eduardo Peñuela Cañizal, nada mais é que um depoimento. Palavra de dentro que tenta elaborar no fora um lugar balsâmico de tessitura e conforto, na busca de brechas que criem possibilidades de espaços para futuras *retessituras*, *reconfortos*. Sela, assim, a oportunidade de dar mais um passo em direção à elaboração da perda daquele amigo que se partiu, mas que se faz presente hoje, aqui, e amanhã, depois daqui – pela palavra proferida, pelo relato escrito, pelo rumor/luz do virar das páginas/telas desta revista.

Palavras-chave

Eduardo Peñuela, homenagem, memória, amizade.

Abstract

The present text reunites, in its essence, the speeches given by me in two different occasions in which I have joined in tributes to Professor Eduardo Peñuela, being nothing less than a testimony. It is like an inner word that tries to elaborate a balsamic and comfortable place outside for weaving and in search of gaps opens the possibility for reweaving and reconfort. So let it be the opportunity to make one more step towards coping with the loss of a friend, gone, but present here today, and tomorrow, beyond here – in the uttered words, in the written works, in the rumor/light of the turning pages/screen of this journal.

Keywords

Eduardo Peñuela, tribute, remembrance, friendship.

Este texto em que registro, a convite da **RuMoRes**, a essência das falas que apresentei em duas oportunidades em que participei de mesas de homenagem a professor Eduardo Peñuela Cañizal – a primeira em Belém, no XXIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, a segunda no XX Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – nada mais é que um depoimento. Palavra de dentro que tenta elaborar no fora um lugar balsâmico de tessitura e conforto, na busca de brechas que criem possibilidades de espaços para futuras *retessituras*, *reconfortos*.

Começo dizendo que, em acordo com os preceitos que regem o protocolo das homenagens oficiais, reconheço que deveria nesta ocasião começar discorrendo a respeito do quanto o meu amigo Eduardo Peñuela Cañizal, que esteve conosco na Universidade Tuiuti do Paraná de 1999 até 2005 como docente, pesquisador e assessor da Reitoria, exerceu papel fundamental e significativo na criação e implantação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, o PPGCom/UTP, viabilizado por iniciativa de professora Kati Caetano e por obra de um grupo de acadêmicos por ela liderado e por ele assessorado. Não ignoro que seria sensato me restringir a contar do quanto foi atuante, lembrar as aulas consistentes e concorridas que ministrou no Programa, indicar o número expressivo de orientandos por ele acolhidos, enfatizar as contribuições que deu aos estudos de cinema que hoje consistem em uma das facetas que definem nosso PPGCom. Seria justo ressaltar o quão fortemente persistem nos trabalhos de muitos de nós, pesquisadores em Comunicação, tanto a presença de suas reflexões a respeito do campo científico em que nos inserimos quanto a marca de seus influentes estudos sobre o cinema em particular e as artes em geral; retomar aqui os pontos relevantes de seu pensamento, abordar e comentar alguns tópicos, fragmentos que fossem, de seus estudos em que confraternizavam na mesma tela enfoques teórico-analíticos da semiótica e da psicanálise. Seria pertinente mencionar as contribuições de seus escritos sobre o Surrealismo na arte e no cotidiano em que nos emaranhamos todos, sobre as

urdiduras de ironia e sigilo no cinema de Luis Buñuel, sobre a corrosão do relato falocêntrico no cinema de Pedro Almodóvar. Estaria assim, conseqüentemente, lembrando seus textos precisos e suas falas preciosas em que conviviam o deboche bem-humorado e a poesia comovida, contagiante.

No que me tange particularmente, reconheço que deveria falar primeiramente sobre o professor competente, o orientador ético e generoso que me garantiu um Doutorado profícuo e feliz, o intelectual refinado e sensível que tanto contribuiu para ampliar minha percepção a respeito da potência das expressividades poéticas no cinema. E retomar os ensinamentos e as reflexões teóricas, tangenciar os muitos *e-mails* que nunca *deletei* e agora para mim viraram relíquia. Na sequêcia, seria oportuno enfatizar o quanto ele foi, depois que me doutorei, um colega presente e colaborativo, sempre disposto ao compartilhamento e à troca. Para finalizar, talvez interessasse narrativizar peculiaridades mais ou menos pitorescas, fragmentos daquilo que remanesceu das vivências compartilhadas em bancas examinadoras, congressos e eventos acadêmicos mundo afora: da presença indelével, em minha memória, da fala mansa e pausada, do cheiro do cachimbo; do estar juntos, entre outras pessoas queridas, na bruma e na chuva fina de Santiago de Compostela, do andar *flâneur* pelas cidades de Espanha; rememorar o tom conciliatório/provocativo das conversas e discussões, da maneira poética e apaziguadora de ver a vida. Esses seriam os pontos norteadores de um bom texto para esta ocasião, mas, não farei nada disso. Desculpem-me. Peço paciência e compreensão aos que me lêem pela primeira vez e, especialmente, aos que aqui agora me lêem e já me ouviram anteriormente, sempre às voltas com este mesmo relato: trata-se, em última análise e como de resto em quase toda homenagem, perdoem, de uma psicanálise disfarçada.

Nesta que é uma edição dedicada à memória de uma presença que imagino irreduzível e inconformável – Eduardo Peñuela Cañizal –, eu, tão pouco afeita a homenagens formais e a injunções discursivas que me desvelem além do estritamente necessário, coloco-me em posição subversiva em relação a mim

mesma: cedo tanto ao tributo quanto ao perigo da auto-exposição e me permito discorrer, isso sim, sobre amizade.

Para tanto, tomo a liberdade de contar de uma manhã de primavera em Braga, Portugal, no dia 14 de abril de 2014, quando estávamos – minha amiga Kati Caetano, mais alguns colegas e eu – caminhando rumo à Universidade do Minho para as conferências do II Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana. Íamos conversando, rindo, e em dado momento, ao olhar para trás, deparei-me com a professora Yvana Fechine, outra amiga também a caminho. Juntamos-nos todos e continuamos trilhando a ladeira que nos levava à Universidade. Lá chegando, o grupo dispersou. Sozinha, entrei no auditório e, à espera do início dos trabalhos, pus-me a ler meus *e-mails*. Então me defrontei com o inesperado em uma mensagem da pesquisadora Rosana Soares, outra amiga, a qual me perguntava sobre o não sabido: a morte de professor Peñuela, no Brasil, ocorrida na tarde anterior.

E aí, então, eu soube.

Chocada, devolvi a pergunta: *Como, assim, morte?* No mesmo instante, Rosana surgiu de volta, desculpando-se, lamentando ter contado assim, de chofre. Não havia o que desculpar, repliquei depois: *tive foi o consolo balsâmico de ter sabido uma tristeza de morte pela palavra viva de uma amiga cara*. Aturdida, saí em busca de Kati Caetano. Atônita com a notícia, ainda assim Kati acudiu de pronto: atirou-me a bóia do pragmatismo e me trouxe à tona, ditando a mensagem que eu, por estar então coordenando o já referido programa de pós-graduação, deveria postar nas listas da área. Em seguida, vagando atordoada pelo saguão, novamente me deparei com Yvana Fechine: *“Ela não sabe”*, disse ter pensado a meu respeito no momento em que nos encontrara rindo ladeira acima. Yvana, já ciente de tudo, mantivera então um silêncio amigo – de maneira que eu pude, assim, seguir contente por mais alguns instantes. Junto com ela, no saguão, veio a professora Ana Claudia Oliveira: amigas solícitas, curativamente as duas ouviram de mim as banalidades egoístas e autocentradas que costumam sair de nós em instantes de muita dor – reflexões rasgadas e indignadas, traduzidas

em palavras tipo: *"Como, isso lá e a gente aqui?!"*. Ana tolerou, pacientemente, meu destempero – mas não por muito tempo: firme, deu os pontos no corte aberto: *"Não está lá, não podemos estar lá, não se pode nada! Então basta. A gente lava o rosto e segue"*. E assim me salvou, diligentemente, do obsceno, do vexame de uma inconveniente choradeira pública.

É isso, pensei, num esforço estropiado de autopreservação. *Então. Paciência. Um amigo que parte, despartido de mim: sem ritual de despedida, sem ritual de passagem.*

Hoje, generosamente, a mesma professora Rosana Soares, editora científica desta revista, me concede a oportunidade de dar mais um passo em direção à elaboração da perda daquele amigo que se partiu, mas que se faz presente hoje, aqui, e amanhã, depois daqui – pela palavra proferida, pelo relato escrito, pelo rumor/luz do virar das páginas/telas desta revista. E pelos rastros e registros que restarão deste e dos outros encontros acadêmicos que aqui mencionei.

Em face disso tudo, agradeço – penhoradamente – pelas leituras de agora, pelas escutas de antes. E despeço-me fazendo minhas as palavras de Vinicius de Moraes: *"Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos. A amizade é um sentimento mais nobre do que o amor. Eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores, mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos! Até mesmo aqueles que não percebem o quanto são meus amigos. A alguns deles não procuro, basta-me saber que existem. Esta mera condição me encoraja a seguir em frente pela vida."* São pessoas *"indispensáveis ao meu equilíbrio vital, porque fazem parte do mundo que eu, tremulamente, construí. A gente não faz amigos, reconhece-os"*².

2 Fragmentos de uma das diversas versões da crônica "Amigos", de Vinicius de Moraes, que retoma trecho do poema "Saudade", de Fernando Pessoa.

É isso. Foram amigos – em maior ou menor grau de proximidade, amigos *sabidos e não-sabidos*, nos termos precisos e preciosos de Sigmund Freud e de Jacques Lacan – que me colheram e acolheram partida na dor pelo desaparecimento físico de um grande amigo compartilhado, daqueles que nem a morte leva embora de nós.

Encerro aqui este meu relato, de cunho – ressalto e mais uma vez peço desculpas – estritamente pessoal, novamente citando o poeta de há pouco: “... *da morte, apenas nascemos, imensamente*”³. Nascemos e sobrevivemos para as fraturas, para as escapatórias, para os laços imperfeitos. Para os sentidos – flutuantes, ambíguos, fugidios – das histórias que nos cabem.

3 Trecho de “Poema de Natal”. In: *Vinicius – Antologia Poética* [Antologia Poética, por Vinicius de Moraes. 25ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1984].